



GT 06. Antropologia da Economia

Coordenador(es):

Arlei Sander Damo (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Gustavo Gomes Onto (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1

Debatedor/a: Lúcia Helena Alves Müller (PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Desde o nascimento da nossa disciplina os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, as formas de valoração e de provimento das condições materiais de continuidade da vida foram objeto de descrição e interpretação a partir dos modos de vida dos “outros”. As teorias econômicas já tinham grande importância nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas últimas décadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A importância dos especialistas, sejam acadêmicos ou gestores governamentais, nunca foi tão grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de políticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a própria definição sobre o que seja “a economia” ou que caracterize algo – prática, teoria – como “econômico”. A Antropologia da Economia vem ganhando novo fôlego no país, com a organização de diversos eventos e publicações acadêmicos voltados a essa área de estudos. O objetivo do GT é propiciar um espaço dedicado a colocar em diálogo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico, como a relação com as práticas familiares, a intimidade, a religião, o consumo, a dádiva, as moralidades, o Estado e assim por diante.

?Que afluente é você?: estratégias de profissionalização e engajamento entre empreendedoras negras

Autoria: Gleicy Maily da Silva (Núcleo de Estudos de Gênero Pagu - Universidade Estadual de Campinas)

Este paper tem como tema a relação entre algumas formas contemporâneas de engajamento e a ampliação dos espaços de aparição e diálogo entre mulheres negras brasileiras, propiciados, sobretudo, por experiências de empreendedorismo. A partir do acompanhamento etnográfico do Programa Afrolab para Elas 2019, desenvolvido pelo Instituto Feira Preta, em parceria com o British Council, ocorrido na cidade de São Paulo, busco compreender novos modelos de subjetividade e de associativismo que transpassam, simultaneamente, demandas políticas e de mercado, em meio a transformações culturais recentes. Voltado ao oferecimento de capacitação técnica a mulheres negras de dez estados do país, com ensino superior, engajadas em coletivos culturais e identificadas como empreendedoras, este programa propõe a construção coletiva de possibilidades de escoamento de produtos e serviços voltados à estética negra. Neste espaço de aprendizado, entre discursos que operam binômios conhecidos do jargão empreendedor, como a relação entre escassez/abundância e zona de conforto/potência, a construção de experiências de afeto entre estas mulheres constitui o recurso indispensável que alimenta e promove a partilha de dores, desafios e expectativas, reforçando redes de solidariedade. Por meio de trajetórias diversas, entre debates de temas como representatividade, inclusão social, feminismo e luta contra o racismo e a discriminação, o que essas mulheres negras trazem em comum é o desejo de atingirem visibilidade através das redes sociais e de tornarem-se referências de modelos de sucesso para mulheres da sua geração. Atentando, portanto, para esse cenário etnográfico, chamo atenção para o modo como tais programas de capacitação empreendedora



configuram alternativas relevantes para a construção de espaços reivindicativos e de dinâmicas de mobilidade até então inéditas para mulheres negras, sem, contudo, ignorar os limites desse campo de possibilidades.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: